

A PERSPECTIVA NEOENDÓGINA NO EMPREENDEDORISMO RURAL EM SÃO BORJA/RS

Augusto José Pinto Souto

Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões, URI, Santiago, RS, Brasil.
E-mail: <a.souto@urisantiago.br>.

Roberto Carlos Dalongaro

Universidad Nacional de Misiones, UNaM, Misiones, Argentina.
E-mail: <robertocarlosad@hotmail.com>.

Simone Caberte Naimer

PPGEP – Universidade Federal de Santa Maria, UFSM, Santa Maria, RS, Brasil.
E-mail: <si_c_n@hotmail.com>.

Lucas Urach Sudati

Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões, URI, Santiago, RS, Brasil.
E-mail: <lucas.nepi@urisantiago.br>.

Igor Idalgo Perdoná

Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões, URI, Santiago, RS, Brasil.
E-mail: <igorperdona@hotmail.com>.

RESUMO

Neste relato técnico analisa-se em uma perspectiva neoendógena de desenvolvimento, o empreendedorismo rural, na agricultura familiar no município de São Borja – RS. Objetiva-se diagnosticar os perfis gerenciais que incluam o indicador de empreendedorismo e de indicador de perfil não individualista, e classificar em três perfis: perfil individualista (PI), perfil individualista + intermediário (PI+I) e perfil não individualista (PNI). A pesquisa é exploratória, descritiva, aplicada e de campo. Sendo bibliográfica e com levantamento histórico. Além disso, é um estudo comparativo. Utiliza-se da pesquisa quanti-qualitativa. As informações da pesquisa são de uma amostra de 248 pequenas e médias propriedades rurais. Os resultados identificam que o empreendedorismo é fraco na agricultura familiar e fracas são também ações de associativismo e cooperativismo. Geraram-se três perfis gerenciais, na qual o preponderante foi o perfil individualista horizontal (PI), com 207 proprietários, resultando em 83,5%. Conclui-se que um fraco empreendedorismo rural condiciona negativamente o desenvolvimento rural local.

Palavras-chave: Neoendógeno, Perfis gerenciais, Indicadores, Empreendedorismo, Rural.

Neste relato técnico analisa-se em uma perspectiva neoendógena, o empreendedorismo rural, ou a falta deste, na agricultura familiar no município de São Borja – RS. Na pesquisa de campo investigaram-se duzentas e quarenta e oito propriedades pequenas e médias rurais com até cem hectares.

Objetiva-se diagnosticar perfis gerenciais que incluam os indicadores de empreendedorismo e o indicador de perfil não individualista, e além de classificar em três perfis: perfil individualista (PI), perfil individualista + intermediário (PI+I) e perfil não individualista (PNI).

Formula-se a hipótese, se a falta de empreendedorismo rural, que pode afetar ou inibir o desenvolvimento rural. A inovação pretendida consiste também em aprender com os modelos que geram o insucesso, no caso o levantamento da história do município de São Borja.

O empreendedorismo rural deve ser fomentado, mas as barreiras enfrentadas pelo agricultor familiar, conforme Tomei; Souza (2014), dificultam ou impedem sua transformação em empreendedor rural. Por isso o empreendedorismo deve ser estudado, pela sua importância e pela necessidade de mais contribuições científicas a essa área.

O desafio proposto neste trabalho é proporcionar a discussão em torno do fato de que algumas regiões podem desenvolver-se, e outras não em função de fatores culturais, políticos, econômicos e sociais, os quais influenciam negativamente ou positivamente, conforme a estruturação do capital social local e outros fatores externos e internos a serem trabalhados.

A justificativa deste relato está na amostra de novecentas e vinte e três pessoas que trabalham, habitam e sobrevivem em pequenas e médias propriedades rurais, em uma extensão de área que se aproxima a seis mil hectares, em trinta e seis localidades do município de São Borja, que estão englobadas por propriedades maiores. Essas últimas são o foco de desenvolvimento rural do município.

As propriedades menores são enquadradas, em sua maioria, em critérios relacionados à pobreza e de função suprir mão de obra, ou alimentos de subsistência apenas como agregadas, com produções de produtos agrícolas de subsistência, em detrimento das grandes propriedades rurais. Visa-se que esta proposta na perspectiva neoendógena com empreendedorismo, um dia, possa alterar o quadro detectado na pesquisa realizada.

As seções desenvolvidas, neste trabalho, compreendem a contextualização e revisão da literatura iniciando com o desenvolvimento na perspectiva neoendógena. A seguir tópicos de empreendedorismo são desenvolvidos e, para encerrar é feita uma análise da história de São Borja. Na seção de tópicos de empreendedorismo, são utilizadas subseções: empreendedorismo, empreendedor individual e a falta de empreendedorismo; o empreendedorismo coletivo, com ênfase em Julien (2010); e a perspectiva psicológica de empreendedorismo, na visão de Triandis (1996) (individualismo horizontal, o egoísta e narcisista vs. individualismo vertical, o direcionado ao êxito, o empreendedor).

MATERIAIS E MÉTODOS

Vergara (2011) classifica nos tipos de pesquisa: quanto aos fins e quanto aos meios. Este relato se identifica com a pesquisa exploratória, pois o estudo é realizado na área numa área da qual há pouco conhecimento acumulado. Trata-se também de pesquisa descritiva, por que expõe características de determinada população ou de determinado fenômeno, além de ser uma pesquisa aplicada, por que visa resolver problemas concretos. Quanto aos meios, esta investigação é caracterizada pela pesquisa de campo e bibliográfica. Adotaram-se as abordagens qualitativas e quantitativas. Na abordagem qualitativa procedeu-se com a análise de conteúdo, que se utilizou dos procedimentos de Bardin (2011).

Foi realizado um levantamento histórico, que conforme Costa; Barros; Martins (2010) informam a posição integracionista, a qual também pode ser identificada na abordagem da história da gestão (*management history*). A ideia é que a análise histórica não substituiria as teorias existentes, mas enriqueceria a compreensão do contexto atual, por meio de conexões com outras disciplinas. Adotar a posição integracionista significa reconhecer que eventos do passado atuam no presente, sendo úteis para a identificação e escolha de oportunidades atuais.

Também está relacionado a um estudo comparativo, no qual este é mais do que um procedimento para produzir dados, mas um método poderoso para análise da realidade social, possibilitando identificar transformações, diferenças, singularidades, descontinuidades, regularidades e semelhanças. (Cotanda *et al.*, 2008).

Quanto à referência em relação às quantidades de propriedades utilizaram-se dados do IBGE Censo Agropecuário (2006), em que a proporção foi validada por 248 propriedades investigadas sobre a relação total de 690 propriedades, perfazendo 35,9%. Em relação à efetuação do cálculo, extraiu-se de Rea e Parker (2000), definiu-se um intervalo de confiança desejável de 95%, com uma margem de erro máxima de $\pm 5\%$, resolvendo a equação (1) para $C = 5\%$, $Z = 1,96$, $P = 50\%$ (percentual conservador que resulta na maior taxa de respostas possível) e $N = 690$. O resultado para n é 248.

Nos processamentos quali-quantitativos foi utilizado o *software* SPHINX.

CONTEXTUALIZAÇÃO E REVISÃO DE LITERATURA

DESENVOLVIMENTO RURAL NA PERSPECTIVA NEOENDÓGENA.

O desenvolvimento rural é analisado por diversos autores que apresentam diferentes denominações para alternativas de desenvolvimento. Siedenberg (2012) traz uma contribuição, na qual relaciona, historicamente e apropriada aos autores seus pensamentos sobre desenvolvimento rural. Constam citados por Siedenberg (2012), os autores Navarro (2001) e Sepúlveda (2009), que concebem a pobreza rural como um problema complexo onde estão envolvidas questões econômicas, políticas, sociais e culturais, as quais visam à produtividade rural com melhorias nos níveis de bem estar social, a formação de capital físico e de organização de comunidades.

Para compreender o desenvolvimento é necessário expor as alternativas de desenvolvimento exógeno e endógeno. No entendimento de Alves (2008), o desenvolvimento rural exógeno tem na economia de escala e concentração o seu princípio-chave. Para Dallabrida (2011) a abordagem tem o foco intervencionista externo no mercado, combatendo as desigualdades regionais.

Barquero (2001) e Dallabrida (2011) associam ao desenvolvimento endógeno a capacidade da comunidade local em utilizar o potencial de desenvolvimento existente no território e de dar resposta aos desafios em um momento histórico determinado. Assim, o desenvolvimento existente permite às comunidades locais produzirem

adequadamente para satisfazer as necessidades e demandas da população local através da participação ativa da comunidade envolvida. Enquanto no desenvolvimento rural endógeno reside nos arranjos locais (naturais, humanos e culturais) e nos recursos para o desenvolvimento sustentável (Alves, 2008). Nesse entendimento insere-se a denominação de capital social que para Putnam; Goss (2002) é um conceito que considera as características culturais, bem como a existência de confiança, reciprocidade e solidariedade na sociedade civil, nas comunidades nas pessoas e na sociedade política.

O desenvolvimento neoendógeno é apresentado pelas visões de Veiga (2001), Becerra e Bravo (2003), Alves (2008), Breitenbach; Brandão (2009), que comentam a necessidade dos sistemas de desenvolvimento endógeno e exógeno dialogar entre si, formando o desenvolvimento neoendógeno. Veiga (2001) cita a expressão “empurrão inicial” de fontes de fomento do desenvolvimento exógeno, como fomento externo: verbas externas, assistência técnica com extensão rural, estes incidindo no desenvolvimento endógeno, facilitado pelo capital social. Os desenvolvimentos exógenos e endógenos atuando conjuntamente no desenvolvimento neoendógeno.

Em relação ao desenvolvimento neoendógeno, trata-se de uma nova perspectiva que Becerra; Bravo (2009) que conceituam como desenvolvimento neoendógeno rural. Esse modelo está sustentado em três pilares. O primeiro está embasado no aproveitamento endógeno. O segundo, no desenvolvimento do capital social (unidades endógenas, atores locais/ globais e unidades neoendógenas). E o terceiro, no impulso da democracia participativa. A metodologia dos autores propõe um enfoque multissetorial e transversal. Visa alcançar o desenvolvimento do potencial endógeno com inovação, participação dos atores e validação de seu capital social.

EMPREENDEDORISMO, EMPREENDEDORISMO INDIVIDUAL E A FALTA DE EMPREENDEDORISMO.

Baggio; Baggio (2014) informam que o empreendedorismo pode ser compreendido como a arte de fazer acontecer com criatividade e motivação. Consiste no prazer de realizar com sinergismo e inovação qualquer projeto pessoal ou organizacional, em desafio permanente às opor-

tunidades e riscos. É assumir um comportamento proativo diante de questões que precisam ser resolvidas. Dornelas (2012) complementa que em qualquer definição de empreendedorismo encontram-se, pelo menos, os seguintes aspectos referentes ao empreendedor: 1) tem iniciativa para criar um novo negócio e paixão pelo que faz; 2) utiliza os recursos disponíveis de forma criativa, transformando o ambiente social e econômico onde vive; 3) aceita assumir os riscos calculados e a possibilidade de fracassar.

Sobre o empreendedorismo individual rural Cella (2002) identifica as características dos fatores relacionados ao sucesso de um empreendedor rural. As variáveis nominadas foram subdivididas em oito fatores identificados em: (1) financeiro, (2) planejamento comercial, (3) comunicação e informação, (4) planejamento pessoal, (6) organização da produção, (7) aproveitamento de oportunidades e (8) experiência comercial. Estas são as características do individualismo vertical (Triandis, 1996).

Na análise Tomei, Souza (2014) evidenciam que as barreiras para o empreendedorismo rural estavam associadas à ausência de liderança e capacidade de assumir riscos; e enfatizam a importância da família, das redes sociais e da educação formal no desenvolvimento da agricultura familiar. Finalizam seu pensamento ressaltando que a agricultura familiar não pode ser considerada como potenciais empreendedores schumpeterianos típicos, mas, alguns pontos são importantes para a implementação de políticas públicas: uma abordagem contingencial; direcionamento de recursos para perfis mais empreendedores; favorecer as avaliações objetivas e subjetivas dos resultados da alocação de recursos; desenvolver incubadoras de negócios, formação e educação gerencial.

Um viés contrário à falta de empreendedorismo apresenta Porto (2007), em relação ao círculo vicioso da pobreza. Inicia com escalas inadequadas para a tecnologia exigida, pequenos volumes de produção, geram problemas pela baixa capacidade produtiva e apresentam ausência de iniciativas, ou seja, acomodação. Informa que pelos custos altos há ausência de poder de barganha, que impossibilitam de suprir às necessidades básicas da família, apresentando o endividamento, expulsão de jovens sem expectativas e impossibilidade de sair do sistema de frustração; culminando no envelhecimento da população, a aposentadoria rural e o êxodo rural. Este entendimento de Porto

(2007) corrobora com as características do individualismo horizontal o egoísmo, e o isolacionismo (Triandis, 1996).

EMPREENDEDORISMO COLETIVO

Sobre o empreendedorismo coletivo rural ou extra empreendedorismo, o autor Julien (2010), comenta que as definições usadas não são suficientes, pois se limitam ao empreendedorismo individual, quando na verdade o ambiente geral e as relações, como a família, as redes, e o papel dos modelos provenientes do meio ampliam para o empreendedorismo coletivo. O autor salienta reiteradas vezes que as diversidades de tipos de empreendedorismo têm características de cada cultura, povoamento e tradição (Julien, 2010).

Abramovay (2003, p. 6) contribui com a temática ao afirmar que:

O empreendedorismo não é apenas individual, mas também coletivo e não envolve apenas a figura mística do empreendedor isolado e sim um conjunto de iniciativas socialmente coordenadas: arranjos produtivos locais, gestão de recursos comuns (desde recursos naturais até marcas territoriais de qualidade) são algumas das mais importantes expressões do empreendedorismo coletivo.

O empreendedorismo coletivo plotado nos assentamentos revelaram as características de parcerias com a família, vizinhos e amigos, sendo estas parcerias informais, caracterizado por Fukuyama (1996) na confiança, sendo o exemplo do compartilhamento de maquinários na atuação conjunta na produção, no transporte, nos mercados e no cliente final.

ANÁLISE PSICOLÓGICA DE TRIANDIS (1996): INDIVIDUALISMO HORIZONTAL VS. VERTICAL.

Gouveia et. al. (2002) apresentam que Triandis (1995) foi o autor que mais acrescentou aos estudos que existem sobre individualismos e coletivismos. Já Gouveia e Clemente (2000) sustentam que diferentes atributos das orientações sociais, a justiça social ou a hierarquia influenciam o tema. Os autores relatam sobre o individualismo como seres autônomos. E o indivíduo está acima dos grupos, esta orientação tende a desejar o êxito e visando seus próprios interesses. Já no coletivismo

está relacionado aos grupos, com tendência à cooperação e ao cumprimento com os demais do grupo. Gouveia et. al. (2003) traz, em seu resumo que o individualismo pode ser caracterizado por uma adesão aos valores pessoais, enquanto que o coletivismo expressa uma ênfase nos valores sociais.

Faz-se um resumo: o individualismo horizontal (ser único), individualismo vertical (orientado ao êxito), coletivismo vertical (ser servidor), coletivismo horizontal (ser cooperativo). Salientam os autores a necessidade de novas contribuições para os temas relatados. Triandis (1995) ainda especifica o proto individualismo, tendo como exemplo, de caçadores e pescadores com atividades independentes, caracterizando-se com uma forma de sobrevivência devido à escassez de recursos em ambientes rurais, e que o conceito pode ser estendido aos agricultores familiares. Salientam os autores que a pessoa pode ser individualista, mas sem renunciar às suas relações sociais, principalmente àquelas informais, entre os companheiros de trabalho (Gouveia et al., 2003).

Mensura Triandis (1996, p. 415) e destacam os itens verticais e horizontais do individualismo apresentado a seguir:

Vertical Individualism ($\alpha = .82$)

- a. Irrito-me quando outras pessoas executarem melhor do que eu;
- b. A concorrência é a lei da natureza;
- c. Quando outra pessoa faz melhor do que eu faço, eu fico tenso e alterado;
- d. Sem a concorrência, não é possível ter uma boa sociedade;
- e. Vencer é tudo;
- f. É importante que eu faça o meu trabalho melhor do que outros;
- g. Gosto de trabalhar em situações que envolvam a competição com os outros;
- h. Algumas pessoas se enfatizam vencedora; Eu não sou um deles (e vice-versa).

Horizontal Individualism ($\alpha .81$)

- a. Costumo fazer “minhas próprias coisas”;
- b. Ser um indivíduo único é o que importa para mim;
- c. Eu prefiro depender de mim do que a dos outros;
- d. Eu confio em mim mesmo a maior parte do tempo; Eu raramente dependerei dos outros;
- e. Minha identidade pessoal, independente de outros, é muito importante para mim;

- f. Eu sou uma pessoa única, separada dos outros;
- g. Gosto de ser único e diferente dos outros.

Evidencia-se que o individualista horizontal é o isolacionista, que no caso da agricultura familiar é o introvertido produtivo e o individualista vertical (orientado ao êxito) é o perfil empreendedor individual (Triandis, 1996; 1999).

Gouveia e Clemente (2000) correlacionam os fatores sócios demográficos no conjunto de fatores antecedentes no individualismo e no coletivismo como: idade, gênero e educação, (a pessoa mais educada tenderá ao coletivismo), nível econômico, independência econômica, religiosidade, relação interpessoal e identificação endogrupal, identificação geoespacial e possivelmente o status ocupacional.

ANÁLISE DA HISTÓRIA DE SÃO BORJA

A seguir, são apresentadas às análises de conteúdo em relação ao levantamento da história conforme os autores consultados.

Souto (2013) informa que em relação à falta de renda e falta de comercialização em São Borja, após o domínio ibérico (espanhol e português), nunca foi e não é igualitária na distribuição de renda. Principalmente na relação das grandes propriedades com as pequenas e que historicamente as pequenas propriedades são relegadas apenas ao papel de agregadas, com pouca atenção política/pública. Os incentivos são pontuais, apenas para atender “o povo despossuído” com atitudes paliativas. As causas da miséria não são atacadas, pois não há interesse político.

Em reforço ao quesito anterior, a cultura caudilhesca e o coronelismo aprofundam o perfil individualista dos detentores do poder (sujeitos- homem branco, com posses, armas e poder x objetos – os despossuídos: indígenas, afro descendentes, missionários, gaudérios, peões, soldados, analfabetos, pobres, agricultura familiar, pouca instrução). São populistas, com ações de preservação no poder (para seus interesses e autopromoção), aumentando suas posses e com influências políticas (cacicado, clientelismo-familismo). Não visam ao bem para os despossuídos, os quais são, historicamente, massa de manobra. Com o uso da política do apadrinhamento, valorização do prestígio e da cultura do silêncio (violência).

O modelo individualista é a raiz dos problemas de renda e do baixo desenvolvimento no

Tabela 1 - Identificação de fatores pretéritos presumivelmente determinantes e condicionantes do desenvolvimento rural no município de São Borja-RS

Categories	Subcategorias	Análises
I) Organização do trabalho e da propriedade	I.1) Modelo de trabalho coletivo advindo das reduções jesuíticas.	Formação do Capital Social (Putnam, & Goss, 2002)
	I.2) Individualismo: Espanhol, Português, Brasileiro, Missioneiro e São-Borjense.	Individualismo horizontal (Triandis, 1996)
II) Atividade produtiva	II.1) Fruticultura: Na introdução jesuítica. E posterior como “terra dos laranjais”, com o apelido dos são-borjenses de “papa laranja”, até a decadência dos laranjais (cancro cítrico); e os pessegueiros.	No início era escambo. Posteriormente se tornou empreendedorismo coletivo, na confiança de (Fukuyama, 1996)
	II.2) Bovinocultura: Da introdução do gado na margem oriental do rio Uruguai em 1635 pelos padres jesuítas, Pedro Romero e Cristóbal de Mendoza, até o século XXI.	Individualismo vertical Triandis (1996), empreendedorismo individual (Cella, 2002). Alguns casos empreendedorismo coletivo (Fukuyama, 1996).
	II.3) Agricultura: Dos imigrantes prussianos-alemães no final do séc.XIX com o trigo, para a “capital da produção” de trigo, linho e linhaça; ao predomínio atual do arroz e soja.	Individualismo vertical Triandis (1996), empreendedorismo individual (Cella, 2002). Alguns casos empreendedorismo coletivo (Fukuyama, 1996).
III) Renda	III.1) Falta de renda/falta de comercialização: pobreza e miséria desde os grupos “despossuídos” do passado (indígenas, africanos, peões, gaudérios) do século XVIII até os “despossuídos” rurais de hoje.	Individualismo horizontal (Triandis, 1996), (Porto, 2007).

Fonte: Elaboração dos autores, adaptado Souto (2013, p. 72).

município na agricultura familiar, historicamente, no município de São Borja. Poucos dominam tal modelo e prevalecem seus interesses em detrimento da grande maioria da população. Na pesquisa são detalhadas com profundidade as relações do modelo individualista como a falta de renda, pouca instrução, falta de atitude; ou seja, baixo desenvolvimento nas propriedades analisadas tanto no qualitativo como no quantitativo no município. São explanados os fatores que condicionam negativamente como: saídas de jovens para outras cidades, ou seja, baixa confiança, pouco empreendedorismo, baixo cooperativismo, baixa escolarização-escolaridade e chefes políticos caudilhos, coronelistas; tudo sendo influenciado diretamente pela cultura individualista.

Historicamente do início no século XVII até a metade do século XX, a atividade mais importante economicamente no município, era a bovinocultura. Depois da metade do século XX, prevaleceu a agricultura em importância econômica.

O modelo coletivista no início da história de San(São) Borja e pelo fascínio que impressionou os autores, e a vasta literatura sobre os Sete Povos das Missões – período Missioneiro. Hoje por este trabalho, os fundamentos coletivistas seriam vi-

tais para a agricultura familiar para se desenvolver. É detectado, pela falta do modelo coletivista, como limitante ao desenvolvimento nas pesquisas dos perfis socioprodutivos.

A fruticultura, historicamente, iniciada pelos jesuítas no período missioneiro e com larga utilização não economicamente até o final do século XIX. No século XX no ano 1983 ocorreram as erradicações pelo cancro cítrico. É destacado na pesquisa dos perfis socioprodutivos como sugestão de revitalização de atividade produtiva aos atores da agricultura familiar por ser uma alternativa história, fomentadora de renda, necessitando união de produtores e com muita utilização de mão de obra (familiar e não familiar). Necessita escala de produção (volume), assistência técnica com extensão rural, qualidade de frutos e busca de comercialização em diversos mercados compradores (clientes) - empreendedorismo coletivo.

A educação começou tardiamente para a população em geral, apenas no século XIX. Hoje o município é considerado mediano pelos órgãos públicos. Na pesquisa são detalhadas em profundidade de relações de fraca instrução do grau de instrução do chefe da família nas propriedades analisadas, sendo considerada a educação na área rural um desafio no município.

Com a vinda dos imigrantes europeus no final de século XIX para a agricultura, e após no início de século XX e no meio deste, estes imigrantes e descendentes mudaram o perfil vocacional produtivo de São Borja. O “branqueamento” da população e a partir de meio do século XX a agricultura assumiu a liderança econômica do município. É de vital importância social, econômica e política (Souto, 2013).

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Na presente revisão deste relato utilizou-se de categorização e subcategorização que foram: número do formulário, grau de instrução dos pesquisados, a renda estimada, a área da propriedade, indicador de empreendedorismo, indicador de perfil não individualista e resultado final da classificação (somatório das notas).

Para compor o indicador de empreendedorismo utilizou-se de uma escala de Likert variando de 1 (Insuficiente), 2 (Fraco), 3 (Regular), 4 (Bom) e 5 (Ótimo) considerando níveis de renda e a análise de conteúdo sobre diversificação e ou especialização do produtor rural/propriedade rural. Na qual o menor nível da escala “1” compõem o resultado os menores valores de renda estimada mensal com R\$ 276,70 e até R\$ 726,26. O segundo nível “2” está relacionado à renda estimada mensal de até R\$ 1.194,53. O terceiro nível “3” com a renda estimada mensal de até R\$ 2.012,67, este considerado o ponto mínimo da pesquisa para que uma propriedade rural possa sobreviver e gerar sobras positivas de renda, o ponto de mutação. O quarto nível “4” com a renda estimada mensal de R\$ 3.479,36 e o quinto nível com resultado de renda estimada mensal acima de R\$ 6.563,73 à R\$ 9.733,47, sendo este com possibilidade maior de renda estimada mensal. Pela análise de conteúdo o índice de renda estimada mensal da pesquisa está diretamente relacionado ao nível de empreendedorismo, acrescidos da diversificação e/ou especialização do produtor rural e da propriedade até 100 hectares.

Já o indicador de perfil não individualista utilizou-se das perguntas do formulário: É associado em alguma cooperativa ou união de produtores? E qual sua opinião sobre: Comercialização coletiva; Compras coletivas; Venda para Cooperativas e Venda pelas Associações (venda individual). As respostas foram distribuídas nas alternativas:

Discordo plenamente; Discordo; Indiferente; Concordo; Concordo Plenamente. Analisando cada resposta dos produtores rurais classificou-se em uma escala de Likert variando de 1 (Insuficiente), 2 (Fraco), 3 (Regular), 4 (Bom) e 5 (Ótimo). Considerou-se no nível “1” produtores com insuficiência de perfil não individualista, no nível “2” fraco perfil; no nível “3” regular perfil; no nível “4” bom nível de perfil não individualista e no quinto nível “5” ótimo perfil. Também se revisou a conduta nas respostas no cômputo geral do informante, para a devida colocação nos níveis referidos.

Com o preenchimento do índice de empreendedorismo na base cinco e mais o índice de perfil não individualista também na base cinco, somando se gera a classificação final dos perfis, Soma (Emp.+ PNI). O perfil individualista são a soma das menores das pontuações que no somatório acarretariam até cinco pontos em dez possíveis. O perfil individualista + intermediário na soma os valores de seis a sete pontos em dez possíveis. O perfil não individualista seria creditado às pontuações de sete, oito, nove e dez pontos possíveis. Nisto propõe-se os três perfis deste estudo. Perfil 1, perfil individualista (PI); perfil 2, perfil individualista + intermediário (PI+I) e perfil 3, perfil não individualista (PNI).

Nesta seção trabalhou-se com as tabulações em planilhas eletrônicas, no qual se utilizou dos softwares SPHINX e Excel que geraram tabelas, figuras. A primeira tabela cruzou do indicador PNI (Perfil Não Individualista) com o indicador empreendedorismo, ambos nas escalas de sensibilidade variando na escala de 1 a 5 pontos.

Os resultados obtidos e apresentados na Tabela 2 indicam a dependência é significativa. $Qui_2 = 31,70$, $gl = 16$, $1-p = 98,91\%$. % de variância explicada (Cremer): 17,88%. Esta tabela é construída sobre o estrato / filtro da população ‘Estrato nº 2’ contendo 248 observações e definido pelo critério: $0 \leq \text{Área Total} < 100,1$

Verifica-se no sistema de informações, na qual o indicador de empreendedorismo demonstra nos perfis, as escalas de insuficiente e fraco, que somam duzentos e dois proprietários rurais, correspondendo a 81,5 %, confirmando às visões de Triandis (1996, 1999) e Porto (2007), sendo que realmente o empreendedorismo, nesta análise no segmento analisado, é um limitante e como fator condicionante negativo ao profissionalismo e ao desenvolvimento local.

Comprova-se que é necessário ser empreendedor individual, no mínimo, para que haja uma

Tabela 2 - Indicador PNI x Indicador empreendedorismo

Indicador PNI/ Indicador em- preendedorismo	Insuficiente (1)	Fraco (2)	Regular (3)	Bom (4)	Ótimo (5)	TOTAL
Insuficiente (1)	29,4% (73)	13,7% (34)	8,5% (21)	4,8% (12)	2,0% (5)	58,5% (145)
Fraco (2)	10,1% (25)	5,7% (14)	4,4% (11)	1,2% (3)	1,6% (4)	23,0% (57)
Regular (3)	3,6% (9)	2,0% (5)	2,4% (6)	0,8% (2)	1,2% (3)	10,1% (25)
Bom (4)	0,8% (2)	0,0% (0)	2,0% (5)	0,4% (1)	0,8% (2)	4,0% (10)
Ótimo (5)	0,0% (0)	2,0% (5)	0,8% (2)	1,2% (3)	0,4% (1)	4,4% (11)
TOTAL	44,0% (109)	23,4% (58)	18,2% (45)	8,5% (21)	6,1% (15)	

Fonte: Elaboração dos autores, com o uso do software SPHINX.

relação satisfatória com o indicador PNI. Em relação a este indicador PNI, a tabela fornece que apenas trinta e seis produtores rurais, 14,6 %, que contemplam as escalas boas e ótimas de perfil não individualista, sendo este resultado um percentual muito baixo. Portanto às características predominantes da agricultura familiar em São Borja – RS é o perfil individualista horizontal, baixas produções e comercializações, além da característica de que os produtores são isolados; não associativista e nem são cooperativistas.

Identificou-se a renda estimada a partir de R\$ 2.012,67, em 2013, como o ponto de mutação de renda mensal, proposto nesta análise no indi-

cador empreendedorismo, como regular na escala (3). Esta renda é estimada nas propriedades com até cem hectares em São Borja.

A próxima Tabela 3 faz o cruzamento dos perfis: perfil individualista (PI) perfil (1), perfil individualista + intermediário (PI+I) perfil (2) e perfil não individualista (PNI) perfil (3). Com a soma dos indicadores: indicador empreendedorismo e indicador PNI, Soma (Emp. + PNI). Obtém-se que a dependência é muito significativa. Qui₂ = 379,48, gl = 16, 1-p = >99,99%. O % de variância é explicada (Cremer): 70,48%. Média = 3,85, Desvio-padrão = 1,82 e Mediana = 3,00.

Tabela 3 - Perfil x Soma (Emp.+ PNI).

Perfil/ Soma (Emp.+ PNI)	2	3	4	5	6	7	8	9	10
1 PI (207)	18,1% (69)	16,5% (63)	11,3% (43)	7,3% (28)	1,1% (4)	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%
2 PI+ I (24)	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	3,9% (15)	2,4% (9)	0,0%	0,0%	0,0%
3 PNI (17)	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	1,3% (5)	1,6% (6)	1,3% (5)	0,3% (1)
TOTAL (248)	18,1% (69)	16,5% (63)	11,3% (43)	7,3% (28)	5,0% (19)	3,7% (14)	1,6% (6)	1,3% (5)	0,3% (1)

Fonte: Elaboração dos autores, com o uso do software SPHINX.

Em análise percebe-se o somatório das notas até seis (6) pontos que correspondem a duzentos e sete proprietários 83,5 % com o perfil individualista horizontal (1) na classificação final. Respectivamente nas notas seis e sete no perfil PI+I vinte e quatro propriedades correspondendo a 9,7 % dos proprietários na pesquisa. E as notas sete,

oito, nove e dez para o perfil não individualista, dezessete propriedades correspondendo a 6,9 % proprietários rurais.

Na figura 1 a seguir confirma-se a mediana no valor três na pontuação Soma (EMP. + PNI) e maior dispersão nas pontuações acima de sete pontos.

Pontuação Soma (Emp.+ PNI) em relação ao Número do Formulário dos Respondentes

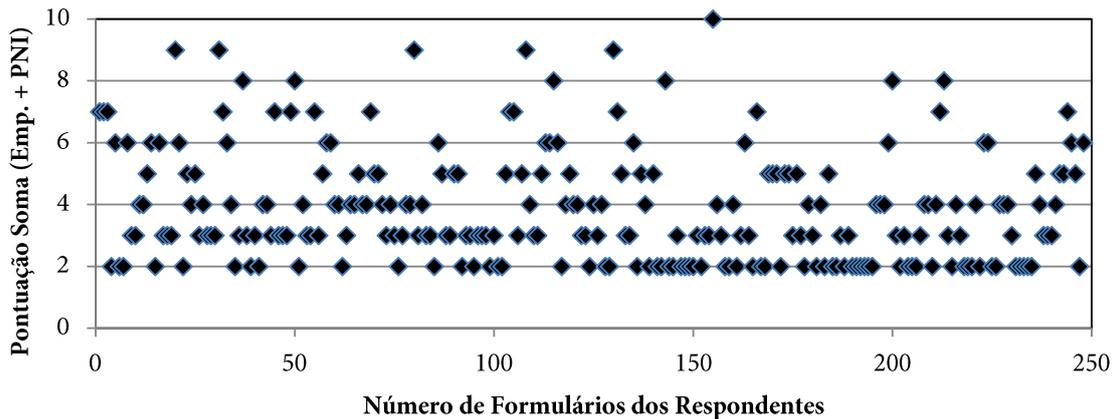


Figura 1. Soma (EMP. + PNI) em relação ao número do formulário dos respondentes. Fonte: Elaboração dos autores.

Os perfis são sintetizados, na qual o perfil 1 é o perfil individualista horizontal (PI) com 207 proprietários/propriedades resultando 83,5%, o perfil 2 corresponde ao perfil individualista + intermediário com 24 proprietários/propriedades resultando 9,7 %, e o perfil 3, o perfil não individualista com 6,8%.

Pela análise da pesquisa é fundamental o combate ao individualismo horizontal (isolamento) por que condiciona negativamente o desenvolvimento local rural. Como procedimento necessário o fomento ao individualismo vertical (empreendedorismo individual), pois é como início a base de sustentação dos empreendimentos: por ser profissional, que envolve uso de novas tecnologias, e é inserido nas cadeias agrícolas (sistemas produtivos). O empreendedorismo individual envolve a propriedade rural no social, econômico e ambiental. O produtor rural e empreendedor, ele é agente de mudança.

Mas não só o empreendedorismo individual. É necessário que se fomenta o empreendedorismo coletivo (extra empreendedorismo, confiança), o associativismo e o grande objetivo, o resgate do cooperativismo rural, o coletivismo horizontal.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na oportunidade, neste relato técnico, analisou-se 248 propriedades rurais quanto ao empreendedorismo rural, em uma perspectiva neoendógena de desenvolvimento. Em relação à hipótese, o resultado plotado refere-se ao fraco empreendedorismo rural condiciona negativamente o desenvolvimento local e regional.

Em relação à análise psicológica, foi confirmada a visão de Triandis (1996, 1999) na qual o individualismo horizontal – os produtores isolados, egoístas e narcisistas são preponderantes na região considerada, por fatores históricos, culturais, políticos que repercutem no fator econômico. Também reforçam a visão de Porto (2007) enquanto ao ciclo vicioso da pobreza.

A sugestão de reverter um quadro tão desvantajoso vem ao encontro à proposta de desenvolvimento neoendógena, com auxílio do “empurrão inicial” mencionado por Veiga (2001), em que o desenvolvimento exógeno viria de projeto de desenvolvimento com verba externa e nesta proposta haveria uma entidade gestora, uma universidade ou instituto federal, que poderia ser uma incubadora. Buscar-se-ia que esta entidade fomentasse parcerias estratégicas com EMATER para a extensão rural, e SENAR/SEBRAE para capacitações e

treinamentos para a um grupo de vinte proprietários da agricultura familiar de São Borja e outros parceiros, como uma cooperativa de crédito.

Os critérios de seleção partiriam de propensões dos proprietários, em que houvesse condições técnicas, solo, relevo, irrigação e principalmente, potencial empreendedor vertical e perfil não individualista. Este projeto proporcionaria o desenvolvimento endógeno através da união, com o tempo e a confiança de Fukuyama (1996) para a criação das bases necessárias ao empreendedorismo coletivo ou extra empreendedorismo. Seria importante a criação de uma associação. Posto que com o tempo, um dos pilares do empreendedorismo regional de Julien (2010), haveria condições, possivelmente, a volta do cooperativismo na região.

A mentalidade da região, culturalmente, teria que mudar. Em relação à Prefeitura Municipal também ser uma parceira estratégica, o Governo Estadual e Federal.

O foco principal do projeto seria desenvolver a agricultura familiar com o projeto neoenógeno, para que as unidades selecionadas fossem aprendendo o empreendedorismo tanto individual como o coletivo na visão de Abramovay (2003), o associativismo e o cooperativismo, mas incutindo no cerne da agricultura familiar a pluriatividade e um profissionalismo, e que haja um sistema renda, com renda de curto prazo, de médio e longo prazo integrado. As propriedades rurais devem ser sociais e econômicas para combater o ciclo vicioso da pobreza, buscado a sustentabilidade e qualidade de vida.

REFERÊNCIAS

Abramovay, R. (2003). *Desenvolver os territórios fortalecendo o empreendedorismo de pequeno porte*. 1º Fórum Internacional Território, Desenvolvimento Rural e Democracia. Relatório Final. Fortaleza, 16 a 19 de novembro de 2003. Disponível: <http://ricardoabramovay.com/desenvolver-os-territorios-fortalecendo-o-empreendedorismo-de-pequeno-porte/>.

Alves, A. F. (2008). *Do desenho à implementação de projetos de desenvolvimento rural sustentável: interfaces e negociações do no Projeto Vida na Roça (Paraná)*. Tese de Doutorado do Programa de Pós-graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas. Universidade Federal de Santa Catarina. Santa Catarina: UFSC.

Baggio, A. F., Baggio, D. K. (2014). Empreendedorismo: conceitos e definições. *Revista de Empreendedorismo, Inovação e Tecnologia*, 1(1): 25-38, 2014 - ISSN 2359-3539. Disponível: <https://seer.imed.edu.br/index.php/revistasi/article/view/612/522>.

Bardin, L. (2011). *Análise de Conteúdo*. 2ª Reimpressão, 1ª Ed. São Paulo: Edições 70.

Barquero, A. V. (2001). *Desenvolvimento endógeno em tempos de globalização*. Porto Alegre: UFRGS.

Becerra, A. T.; Bravo, X. L. (2003). *Planificación en los espacios rurales españoles Aplicación del modelo neo-endógeno para um desarrollo sostenible em las comarcas de metodología LEADER*. Área de Proyectos de Ingeniería. Universidad de Almeria – Espanha. Artigo da Revista UCM, Observatório Medioambiental, vol.12, p.49-75, ISSN 1139-1987. Disponível: <http://revistas.ucm.es/index.php/OBMD/article/view/OBMD0909110049A>. Acesso: 9 jul. 2013.

Cella, D. (2002). *Caracterização dos Fatores Relacionados ao Sucesso de um Empreendedor Rural*. Dissertação de Mestrado – Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiróz. Daltro Cella. Piracicaba, 147 p.

Costa, A. S. M. da, Barros, D. F., Martins, P. E. M. (2010). Perspectiva histórica em administração: novos objetos, novos problemas, novas abordagens. *RAE*, ISSN 0034-7580. São Paulo, v.50, nº3. Jul/Set. p. 288-299.

Cotanda, F.C., Silva, M. K., Almeida, M.L. de, Alves, C. F. (2008). *Processos de pesquisa nas Ciências Sociais: uma introdução*. P. 63-83. In: Ciências humanas: pesquisa e método. Céli Regina Jardim Pinto; Cesar A. Barcellos Guazzelli (Org.). Editora UFRGS

Dallabrida, V. R. (2011). *Desenvolvimento Regional: por que algumas regiões se desenvolvem e outras não?* 1ª Reimpressão. Santa Cruz do Sul: EDUNISC.

Dornelas, J. (2012). *Empreendedorismo: transformando ideias em negócios*. Rio de Janeiro: Elsevier.

Fukuyama, F. (1996). *Confiança: as virtudes sociais e a criação da prosperidade*. Rio de Janeiro: Rocco.

Gouveia, V., Clemente, M. (2000). O individualismo-coletivismo no Brasil e na Espanha: correlatos sócio-demográficos, *Estudos de Psicologia*, vol.5 Nº2, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Brasil. Julio-diciembre, pp.317-345, Disponível: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=26150203>.

Gouveia, V. V. et al (2002). *Escala Multi-fatorial de Individualismo e Coletivismo: Elaboração e Validação de Construto*. Valdiney V. Gouveia, Josemberg M. de Andrade, Girlene R. de Jesus, Maja Meira, Nilton F. Soares. Universidade Federal da Paraíba. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*. Mai-Ago 2002, Vol.18 nº2, pp.203-212.

Gouveia, V. V., Andrade, J. M. de, Milfont Lemo, T., Queiroga, F., Santos, W. S. dos (2003). Normativas do

Individualismo e Coletivismo: É Suficiente a Dicotomia Pessoal vs. Social? *Psicologia: Reflexão e Crítica*, vol. 16, núm. 2, pp. 223-234

Ibge (2006). Censo Agropecuário. São Borja código 431800. Brasília: IBGE.

Julien, P.-A. (2010). *Empreendedorismo Regional e a Economia de Conhecimento*. São Paulo: Saraiva.

Porto, R. O. (2007). Água: fonte de alimento. In: *Programa de Irrigação, Por quê? XV Livro da Federacite*. Pág.109-140. Porto Alegre: Federacite.

Putnam, R., Goss, K. (2002). Introduction. In: Putnam, Robert. *Democracies in flux*. The evolution of social capital in contemporary societies. New York: Oxford University Press. p.3-21.

Rea, L. M., Parker, R. A (2000). *Metodologia da Pesquisa: do planejamento à execução*. São Paulo: Pioneira.

Siedenberg, D. R. (2012). Fundamentos, trajetória e abordagens contemporâneas do desenvolvimento. p. 19-100. In: *Desenvolvimento sob múltiplos olhares*. Organizador Dieter Rugard Siedenberg. Ijuí: Editora Unijuí.

Silva, C. R. O. (2004). *Metodologia e Organização do Projeto de Pesquisa: guia prático*. Centro Federal de Educação Tecnológica do Ceará. Disponível: <<http://www.ufop.br/demet/metodologia.pdf>>. Fortaleza: CEFET.

Souto, A. J. P. (2013). *Fundamentos e Possibilidades de Desenvolvimento nas Pequenas e Médias Propriedades Rurais do Município de São Borja – RS: na perspectiva neoendógena*. Dissertação de Mestrado em Gestão Estratégica de Organizações. URI/ Santo Ângelo-RS. Santo Ângelo, Jun.

Tomei, P. A., Souza, D. A. A. L. A. (2014). Análise das Barreiras que Dificultam a Transformação do Agricultor Familiar em Empreendedor Rural no Contexto Brasileiro. *Revista Ibero-Americana de Estratégia – RIAE*. Vol. 13, N.3. Julho/Setembro.

Triandis, H. C (1996). The Psychological Measurement of Cultural Syndromes. University of Illinois at Urbana – Champaign. *American Psychologist*, Vol. 51, N° 4, 407-415. April.

Triandis, H. (1999). Cross-Cultural Psychology. *Asian Journal of Social Psychology*, 2, 127- 143.

Veiga, J. E. da. (2001). O Brasil rural ainda não encontrou seu eixo de desenvolvimento. *Estudos Avançados*, p. 101-119. Disponível: <<http://www.scielo.br/pdf/ea/v15n43/v15n43a10.pdf>>.

Vergara, S. C. (2011). *Projetos e relatórios de pesquisa em administração*. 13 Ed. São Paulo: Atlas.

ABSTRACT

In this technical report analyzes in an endogenous neo prospect of development, rural entrepreneurship, family farming in São Borja - RS. The objective is to diagnose the management profiles that include entrepreneurship indicator and not individualistic profile indicator, and classified into three profiles: individualistic profile (PI), individualistic profile + intermediary (PI + I) and not individualistic profile (PNI). The research is exploratory, descriptive, applied and field. It is bibliographical and historical survey. Furthermore, it is a comparative study. It uses quantitative and qualitative research. The survey information is from a sample of 248 small and medium-sized farms. The results identify that entrepreneurship is weak and poor in family agriculture are also actions of associations and cooperatives. They were generated three management profiles, in which the preponderant was individualistic horizontal profile (IP) with 207 owners, resulting in 83.5%. It concludes that a weak rural entrepreneurship negatively affects the local rural development.

Keywords: Neo endogenous, Management profiles, indicators, Entrepreneurship, Rural.